

## As Origens da Medicina Ocidental: Mesopotâmia e Egito Antigo

### The Origins of Western Medicine: Mesopotamia and Ancient Egypt

DOI:10.34119/bjhrv4n4-174

Recebimento dos originais: 05/07/2021

Aceitação para publicação: 06/08/2021

#### **Lucas Rospadowski Fiorini**

Técnico em Farmácia, atualmente estudante do 4º Semestre de Medicina.

Centro Universitário São Camilo

Endereço: Av Nazaré 1501, Ipiranga, São Paulo, SP

E-mail: lucas.fiorini@aluno.saocamilo-sp.br

#### **Maria Elisa Gonzalez Manso**

Doutorado em Ciências Sociais pela PUC SP.

Centro Universitário São Camilo

Endereço: Av Nazaré 1501, Ipiranga, São Paulo, SP

E-mail: maria.manso@prof.saocamilo-sp.br

#### **RESUMO**

Não é possível compreender a Medicina, sua prática e símbolos sem conhecer seus caminhos na história. A nobre arte de curar não nasceu de repente, sua jornada milenar envolve a contribuição de diversos povos e culturas que proporcionaram subsídios para seu desenvolvimento até a atualidade. O presente estudo objetivou identificar a origem do símbolo da medicina atual e a importância das civilizações mesopotâmica e egípcia na evolução do conhecimento médico ocidental, cada uma com suas particularidades. A pesquisa envolveu, além de aspectos históricos, a influência da religião nos feitos curativos e como a sociedade enxergava o processo saúde-doença. O artigo conta como a prática médica antiga foi preservada, possibilitando os conhecimentos atuais, na mesopotâmia a partir dos tabletes da coleção de Assurbanipal grafados pela escrita cuneiforme e, no Egito Antigo por escritos em papiro.

**Palavras-chave:** Medicina, Mesopotâmia, Egito Antigo, Religião.

#### **ABSTRACT**

It is not possible to understand Medicine, its practice, and its symbols without knowing its paths through history. The noble art of healing was not born suddenly; its millennial journey involves the contribution of several peoples and cultures that provided subsidies for its development until today. The present study aimed to identify the origin of the current symbol of medicine and the importance of the Mesopotamian and Egyptian civilizations in the evolution of western medical knowledge, each one with its own particularities. The research involved, besides historical aspects, the influence of religion on curative deeds and how society viewed the health-disease process. The article tells how the ancient medical practice was preserved, making possible the current knowledge, in Mesopotamia from the tablets of Assurbanipal's collection, written in cuneiform and in Ancient Egypt from writings on papyrus.

**Keywords:** Medicine, Mesopotamia, Ancient Egypt, Religion.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 ARTIGO

Não é verdadeiro que a Medicina tenha uma data de início na história. Estima-se que os *Australopithecus africanus*, por exemplo, já tinham conhecimento sobre a importância da região da cabeça no controle do corpo, já que segundo escavações, os conflitos intraespecíficos visavam essa área como alvo a ser golpeado. Essa agressão em local planejado também foi encontrada em crânios da espécie *Homo erectus*, assim como no *Homo neanderthalensis* e posteriormente em *Homo sapiens*, com a descoberta de crânios datados de 10.000 a.C.

Além disso, a trepanação, com o significado de perfuração ou “abertura de um buraco”, que equivale a um procedimento médico cirúrgico de retirada de uma porção do crânio, era utilizada desde 5.000 a 4.000 a.C., com fins medicinais. Em 1865, o arqueólogo estadunidense Ephraim George Squier encontrou um crânio, em Cuzco, Peru, com uma perfuração em formato retangular com dimensões de 15x17 milímetros, datado de 1.500-1.400 a.C. A descoberta de Squier foi enviada ao renomado neurologista Paul Broca, o qual atestou que o orifício continha sinais de inflamação provocados pela avançada cirurgia, com indícios de morte após uma ou duas semanas do procedimento médico. Iniciou-se então uma busca por crânios semelhantes e estudos mostraram que cerca de 65% das pessoas submetidas à trepanação sobreviviam, indicando cuidados pós-cirúrgicos complementares à cirurgia.

Com essa breve discussão acerca de alguns conhecimentos primitivos sobre a Medicina, é possível afirmar que havia um certo adiantamento do que viria a ser uma prática documentada e sistematizada pelas civilizações antigas mais bem organizadas, como a mesopotâmica e a egípcia, as quais foram as maiores contribuintes da medicina ocidental. Muitos de seus conhecimentos são utilizados até hoje sem que médicos se deem conta, principalmente pela falta de aulas voltadas para o ensino da história da medicina nas faculdades, que priorizam as competências práticas que a carreira exige.

As primeiras grandes civilizações a serem abordadas são as da região mesopotâmica, localizada entre os rios Tigre e Eufrates, devido a sua importância ímpar no desenvolvimento da Medicina Ocidental, cujas contribuições são perceptíveis na própria prática médica contemporânea. Essa região abrigou desde as primeiras cidades sumérias em terras ao sul, próximas ao Golfo Pérsico (aproximadamente 4.000 a.C.) até o império babilônico,

destruído pelos Persas em 539 a.C. Os povos que residiam neste local eram chamados de mesopotâmicos.

Muito do que sabemos sobre os povos mesopotâmicos são atribuídos a tabletes de escrita cuneiforme criada pelos sumérios e posteriormente assimilada pelos babilônicos e assírios. Grande parte desses tabletes foram encontrados numa biblioteca com enorme coleção de textos antigos, localizada em Nínive, a qual pertencia ao rei da assíria, Assurbanipal.

Os textos em escrita cuneiforme mostram que os integrantes da civilização assírio-babilônica deveriam cumprir uma totalidade de obrigações que os deuses impuseram, caso contrário receberiam castigos de diversas formas que poderiam incluir enfermidades. Essa proximidade entre medicina e religião está notório no significado da palavra assíria *shêrtu*, traduzida com os sentidos de pecado, impureza moral, cólera dos deuses, castigo e doença.

Acreditava-se que cada indivíduo possuía um anjo guardião. Quando um mortal cometia falta ou pecado – descumprindo então sua obrigação – os deuses se irritavam e retiravam esse protetor, o que deixava a pessoa exposta a espíritos malignos, demônios ou almas perdidas. Porém, era possível que o adoecimento estivesse relacionado ao encantamento feito por um feiticeiro ou também por ação direta dos deuses.

Duas figuras eram de suma importância no tratamento do enfermo, *asû* e *ashipu*, ambos socialmente respeitados e oriundos de classes mais instruídas, além de pertencerem ao sexo masculino. Não se sabe ao certo como era o aprendizado para a formação médica, entretanto acredita-se que o ensinamento era ministrado de pais para filhos como reflexo de uma sociedade estamental, o que não exclui a possibilidade de que houvesse escolas médicas próprias.

Os procedimentos que *asû* e *ashipu* realizavam não se enquadravam nas normas gerais do Código de Hammurabi, exceto no caso de intervenções cirúrgicas mal-sucedidas ao ponto de causar lesões irreparáveis ou morte dos pacientes, nessas circunstâncias os curadores seriam penalizados equivalentemente a categoria social a qual o paciente se enquadrava. Ambos trabalhavam em conjunto, não havendo hierarquia entre eles.

Os *ashipu* eram sacerdotes exorcistas pertencentes a classe clerical e associados aos templos. Esses religiosos se especializavam em procedimentos mágicos, atuando como interlocutores de espíritos e deuses. Era papel deles identificar os sinais

e sintomas e descobrir qual era o responsável pela doença. Para isso, interpretavam presságios ao se locomover até a casa do enfermo e realizavam preces para se proteger antes de iniciar os procedimentos, já que alguns demônios teriam a capacidade de possuí-los. Ao chegar na residência, os *ashipu* procuravam saber qual ser sobrenatural era responsável pela enfermidade, recorriam a amuletos e rituais mágicos para inibir o potencial maligno sobrenatural e iniciavam o exorcismo que purificava o doente, possibilitando sua reintegração na sociedade. O diagnóstico baseava-se nos sintomas, na adivinhação e na entrevista com o paciente para descobrir sua transgressão que orientava o possível espírito que o acometia, podendo recorrer a outros métodos como a astrologia e hepatoscopia, que consistia na observação do fígado de um carneiro sacrificado para este propósito.

Por outro lado, os *asû* estavam a serviço da corte imperial, sendo inferido a eles a prescrição de ervas e poções, motivo pelo qual são considerados mais próximos ao conceito atual de médico. As prescrições eram baseadas em extratos, plantas, especiarias, minerais, resinas e outros métodos naturais como massagem, banhos e dietas, além de processos cirúrgicos, drenagem de abscessos e tratamento de feridas. Seu trabalho era orientado por uma literatura técnica contendo receitas estereotipadas, e o diagnóstico tinha como base os sintomas e exame físico, no qual os *asû* observavam o pulso e a temperatura.

Dentre os medicamentos, existiam drogas psicoativas e analgésicas, além de poções com efeito relaxante somadas a massagens que aliviavam as dores. Estudos identificaram que havia cerca de 550 substâncias, dentre elas minerais e plantas medicinais.

O sacrifício de animais citado anteriormente, principalmente do carneiro, era realizado pelos sacerdotes. Essa prática tinha como objetivo agradar determinada divindade, que por sua vez proporcionava a fusão de alma com o animal. Dessa forma, acreditavam ser possível entender sinais divinos nas vísceras do carneiro. A principal região visualizada era o fígado, já que era visto como sede da alma pelos mesopotâmicos devido a quantidade de sangue (princípio vital) que extravasava, acreditavam que esse fluido nascia de tal órgão considerado sagrado. O sacrifício de animais e a investigação de seus órgãos teve início nessas civilizações e isso contribuiu para o conhecimento anatômico da antiguidade, sendo assimilado por outros povos como os egípcios, hebreus e gregos.

A civilização egípcia foi outra que contribuiu de forma singular para a medicina ocidental. Os registros médicos mais importantes foram encontrados escritos em papiro desde 1.900 a.C., além de textos religiosos e utensílios cirúrgicos.

Os egípcios acreditavam que as enfermidades eram causadas por castigo divino, encantamentos e espíritos malignos, e dessa forma o enfermo era visto na sociedade como alguém religiosamente impuro. A prática médica dessa civilização visava a boa saúde do doente e para esse efeito utilizavam magia e religião, compreendendo uma sociedade penetrada pela superstição. Objetos como amuletos serviam de proteção contra doenças, justificando mais uma vez o caráter sobrenatural das enfermidades.

É indiscutível que a maior parte do que sabemos sobre a prática médica no Egito Antigo deve-se a rolos de papiro escritos em hieróglifos como o de Edwin Smith. Esse documento leva o nome de seu comprador, egiptólogo estadunidense que o adquiriu durante a guerra civil norte-americana. O material consiste em um tratado da saúde e da cura, exibindo múltiplas construções práticas de caráter intelectual e técnicas egípcias para o tratamento de enfermidades e traumas como feridas, inflamações, fraturas e deslocamentos. Estudiosos acreditam que o famoso papiro se baseou em conhecimentos anteriores a sua escrita, a qual ocorreu entre 2.700 e 2.500 a.C.

A partir do registro de Edwin Smith foi possível traduzir 48 casos clínicos que orientavam a prática da cura realizada pelo Sacerdote de Sekhmet e pelos *Swnws*, os quais seriam os encarregados por exercer a função do que viria a ser atribuída ao atual médico. Nos casos mencionados estavam presentes exames considerados básicos pela contemporaneidade como a medição da pulsação, além de saberes anatômicos e cirúrgicos, nos mostrando que os conhecimentos não estavam exclusivamente dependentes da magia e superstição, mas também incorporava conhecimentos teóricos e práticos, incluindo a compreensão sobre danos do sistema nervoso que afetavam áreas distantes ao ferimento.

Nesse sentido, contava-se com inúmeros materiais e substâncias aliadas aos saberes executados pelos interventores, tanto dos Sacerdotes de Sekhmet - que estavam mais ligados à Teurgia, ou seja, a cura fundamentada em crenças, culto a deuses e emprego da magia - quanto dos *Swnws*, especializados no tratamento não mágico, recorrendo ao embasamento empírico, baseado na observação e experimentação. Ambos, instruídos pelo papiro de Edwin Smith, poderiam inferir um prognóstico aos enfermos, o qual consistia em três possibilidades. A primeira delas é

positiva e traduzida como “uma doença que eu vou cuidar”, indicando que o paciente será curado. O segundo tipo de diagnóstico anunciava pessimismo, estampado na frase “uma doença para a qual não se faz nada”. O terceiro prognóstico era baseado na incerteza, reproduzida por “uma doença para a qual vou lutar”, indicando que a potencial cura era duvidosa, porém passível de terapêutica.

Apesar do conhecimento egípcio acerca da existência do sistema nervoso - contendo importantes limitações - acreditavam que o coração era a sede da alma e da mente humana. Para eles, a alma era imortal e seria julgada após a morte, comparando o peso de seu órgão representante, o coração, com o de uma pluma. Após a morte a alma necessitava de um corpo para habitar, o que justifica o advento da mumificação, em que se descartava o cérebro pela cavidade nasal e mantinham o coração do falecido.

Ambas as civilizações discutidas - mesopotâmica e egípcia – contribuíram inclusive para a formação do atual símbolo da medicina ocidental, o bastão de Asclépio ou Esculápio, que consiste em uma cobra enrolada em um cajado.

O emblema médico teve início com importante participação da religião mesopotâmica, fundada pelos sumérios. Eles acreditavam que o deus Ningishizida, representado com duas serpentes crescendo em seus ombros, era o responsável pela proteção das plantas. O termo *sachan*, traduzido como serpente tem significado de juventude e saúde, já que renovam seu epitélio e vivem mais próximas de Ea deusa das águas e da saúde. Posteriormente o símbolo da medicina passou a ser retratado como duas serpentes enroladas em um cajado até o reinado de Hammurabi, que por motivos ainda incertos, retirou uma das serpentes do emblema.

Há um grande equívoco disseminado na medicina a partir do século XVI, quando o editor suíço Johan Froebe adotou o caduceu de Hermes para associar a obras clássicas da medicina. Outros editores também passaram a utilizá-lo, porém o que mais contribuiu para essa difusão errônea foi seu emprego pelo exército estadunidense, que fez uso do caduceu como emblema de seu departamento médico entre 1851 e 1887.

Na Mitologia Grega, o caduceu de Hermes é representado como um bastão alado na porção superior em torno do qual se entrelaçam duas serpentes. Ele tem como significado o equilíbrio entre inclinações contrárias, além de retratar a paz e divindade de seu portador. Quando Roma naturalizou a mitologia grega, Hermes tornou-se Mercúrio cujo nome está relacionado à mercadoria - *merces* - o que piora ainda mais a associação do caduceu com o símbolo médico, o que acaba por confundir a arte da cura com a comercialização.

## REFERÊNCIAS

BADARÓ, Wilson Oliveira. A CURA EM KEMET ENTRE 1700 E 1500 A. C.: ANOTAÇÕES, CARACTERIZAÇÃO E CONTEÚDO DO PAPIRO DE EDWIN SMITH. **História.Com**: Revista Eletrônica Discente, Cachoeira, v. 5, n. 9, p. 89-107, 31 dez. 2018.

CASTRO, Fabiano dos Santos; LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; Alma, mente e cérebro na pré-história e nas primeiras civilizações humanas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 141-152, abr. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722010000100017>.

MARTINS E SILVA, J. [Medicine in ancient Mesopotamia--part 1]. **Acta medica portuguesa**, [s. l.], v. 22, n. 6, p. 841–854, 2009.

MARTINS E SILVA, J. [Medicine in ancient Mesopotamia - part 2]. **Acta medica portuguesa**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 125–140, 2010.

(Autor desconhecido). Símbolo correto da medicina. Disponível em: <[http://cafeesaude.com.br/medicina\\_artigo.htm](http://cafeesaude.com.br/medicina_artigo.htm)>. Acesso em: 08/09/2020